

Cerveja, futebol e fracasso

CORREIO BRAZILIENSE

Gustavo Krause

16 SET 1995

O que é que cerveja, futebol e fracasso têm em comum? Simples, são paixões nacionais. Cerveja e futebol são paixões populares, que dispensam maiores explicações. O fracasso é uma paixão das elites. É mais do que paixão ou mania. O fracasso é uma ideologia. Uma ideologia de dominação.

Isso vem de longe. Eu ouvi (e duvido que exista um cinqüentão que não tenha ouvido), em roda de conversa dos mais velhos, onde menino era apenas um abelhudo em silêncio, o seguinte: "O Brasil está à beira do abismo". Essa frase era dita em ar grave e solene, acompanhada por uma concordância unânime, que ia dos meneios de cabeça em sinal afirmativo aos mais enfáticos argumentos em torno de uma catástrofe iminente.

Não era só nas conversas. Entre serpentinas, lança-perfumes e limas-de-cheiro, muita gente sacolejou ao som das velhas marchinhas carnavalescas, entre elas a campeã "Quem Não Chora, Não Mama". E pode-se dizer tudo das marchinhas carnavalescas, menos que elas, em tom de brincadeira, sempre não retratam um certo flagrante do sentimento nacional prevalecente.

A mamata, a boca, traduções populares da sinecura, da reserva de mercado, do subsídio, enfim, do privilégio, sempre exerceram uma atração poderosíssima sobre as pessoas num país onde uns são mais iguais do que outros perante a lei. A previsão da catástrofe ou a certeza de que o país vai dar errado, o choro e a vela, tudo sempre muito eficaz para manter privilégios e evitar fracassos individuais ou setoriais. Se tudo vai mal, o incompetente e o privilegiado estão salvos. E para eles o importante é que nada mude. Mudar ou reformar é algo aterrador. As coisas mantidas como estão são ótimas para a minoria de sempre.

Os beneficiários do *estabelecimento* têm ojeriza à perspectiva da transformação. Sempre foi assim.

Basta, por exemplo, dar uma olhada na crônica da época para ver o que diziam o empresariado e, especialmente, os proprietários de terra, sobre a abolição da escravatura: o abismo, o caos, o fim de uma economia que não teria forças para ganhar o "custo insuportável" que era apenas o de pagar os miseráveis salários devidos a um sujeito que moía o corpo de tanto trabalhar.

Não precisa ir muito longe. Vale a pena lembrar a criação do salário mínimo. Foi uma bronca do tamanho do mundo. Eu mesmo ouvi, nos idos dos anos 70, um alto dignitário da política e da economia pernambucana dizer. "É danado, seu Krause, um negro na minha propriedade vai ganhar 100 contos de réis".

O negro ganhou e o Brasil não acabou. Como não acabou quando foi instituído o 13º salário, recebido como mais um terremoto na economia do país.

Assim como o Brasil não vai acabar por conta do aprofundamento das reformas sociais, das mudanças tecnológicas, da competição internacional, de uma economia estável, de um crescimento firme e saudável. Quem vai acabar são os que não compreendem que o Brasil está mudando pra valer, e que, com regras estáveis e boas, ganha o jogo quem for bom, e não quem gritar mais.

Nos nossos dias, a ideologia do fracasso conta com novos adeptos e novos maníacos, a serviço, às vezes sem saber, de uma forte relação de dominação. Não recorro, para ilustrar, à trajetória do Real — afinal de contas, repetidos insucessos de planos econômicos justificavam o sentimento de desconfiança e uma ponta de desesperança numa estabilidade econômica. Recorro a um fato mais próximo, no começo do ano, quando, externamente, pipocava o México e, internamente, explodia o consumo. O abismo e o fracasso foram batizados de *efeito tequila*.

Em nome da certeza da derrocada, muita bobagem dita. Não falta-

ram os analistas e redatores de política, que têm contribuído mais para a venda dos seus jornais do que para o esclarecimento dos seus leitores.

E, nesses novos adeptos, não se pode esquecer os consultores econômicos, que ampliam o *portfólio* de clientes aumentando o grau de incerteza no futuro.

Felizmente, os ideólogos do fracasso e os menestréis da catástrofe tiveram no mês de agosto uma grande decepção. Afora o tititi político, as notícias para os pescadores de águas turvas são péssimas. Não se confirmou o efeito tequila. As contas externas estão em ordem (balança de pagamento, equilíbrio da balança comercial e aumento das reservas). A inflação está em queda com duas agradáveis constatações: os reajustes de contrato após um ano do Real não mudaram o patamar de inflação; e no setor de serviços os preços começam a se ajustar em menor espaço de tempo que em outras experiências de estabilização graças à sua excelência, o consumidor brasileiro. E os juros em queda são uma boa sinalização para um cenário futuro de crescimento firme, que venha a garantir níveis progressivos de emprego a médio e longo prazos.

Por sua vez, o velho "setembro negro", que enchia de prazer as bocas da maldição, será o marco inicial de um novo padrão nas negociações salariais. Em outras palavras, o início do fim da doença crônica da indexação.

As boas novas não são do governo, as boas novas são do Brasil. A ideologia da dominação é uma sutil armadilha: de um lado, engessa a capacidade de mudar; de outro, inibe a crença da Nação em si mesma.

Gustavo Krause é ministro do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal